

**KAROL WOJTYŁA, FILÓSOFO: ANTROPOLOGIA, CORPO E RELAÇÕES
SOCIAIS***Jonas Matheus Sousa da Silva¹*

Resumo: Evidencia a dignidade pessoal do corpo humano, integrado nos atos pessoais, através do pensamento antropológico de Karol Wojtyła. Expõe a dignidade pessoal na integração da reatividade somática na vontade humana, quando orientada pela *norma personalista*, que dá base à família e à comunidade humana, conforme os conceitos de *participação* e *alienação* nas relações “eu-tu” e “nós”.

Palavras-chave: Karol Wojtyła. Antropologia. Corpo humano.

**KAROL WOJTYŁA, PHILOSOPHER: ANTHROPOLOGIE, CORPS ET
RELATIONS SOCIALES**

Résumé: Il met en évidence la dignité personnelle du corps humain, intégrée dans les actes personnels, à travers la pensée anthropologique de Karol Wojtya. Il expose la dignité personnelle dans l'intégration de la réactivité somatique dans la volonté humaine, lorsqu'elle est guidée par la *norme personaliste*, qui donne la base à la famille et à la communauté humaine, selon les concepts de *participation* et d'*aliénation* dans les relations «moi-toi» et «nous».

Mots-clés: Karol Wojtya. Anthropologie. Corps-humain.

¹ É graduado em Filosofia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8552714291150415>.

Karol Josef Wojtyła (1920-2005) é mais conhecido como “João Paulo II”, o carismático e diplomata papa polonês que guiou a Igreja Católica Romana de 1979 até 2005. Contudo, Wojtyła, como dramaturgo, poeta e filósofo, deu suas contribuições para o pensamento e à cultura, escrevendo vários textos filosóficos e literários antes de ser eleito Sumo Pontífice.

Em sua juventude, conforme redigiram Bernstein e Politi (1996), Wojtyła já havia lido, com o auxílio de seu pai, um tenente polonês, as obras: *Kritik der reinen Vernunft (Crítica da Razão Pura)*, de Immanuel Kant; e *Das Kapital (O Capital)*, de Karl Marx, ambas em alemão, a língua original. Porém, sua formação filosófica mais densa, sobretudo no campo da metafísica aristotélico-tomista, se deu no biênio filosófico, enquanto estava no seminário clandestino, preparando-se para ser padre. A construção de seu pensamento filosófico foi também influenciada, mais tarde, pelas esferas fenomenológica e personalista².

Depois da ordenação sacerdotal, pós-graduou-se em Teologia e Filosofia, doutorando-se com as teses: “A fé segundo São João da Cruz”, em Teologia (1948); e a “Valoração sobre a possibilidade de construir a ética cristã sobre as bases do sistema de Max Scheler”, em Filosofia (1954). Depois, Wojtyła, lecionou Filosofia moral nas Universidade de Cracóvia (*Uniwersytet Jagielloński*) e de Lublin (*Uniwersytet Katolickii*).

O filósofo espanhol Juan Manuel Burgos, em seu artigo intitulado “A Filosofia Personalista de Karol Wojtyła” (2006), agrupou o desenvolvimento da carreira filosófica de Wojtyła em quatro períodos, a saber: 1) a escola ética de Lublin; 2) o amor humano em “Amor e responsabilidade” (1960); 3) a antropologia em “Pessoa e ação” (1969); e 4) o caminho impedido nas áreas das filosofias interpessoal e social.

Para Juan Burgos (2006, p.3), no primeiro período,

Wojtyła recorre com profundidade à noção de experiência moral. A ética, explica, não surge de nenhuma estrutura externa ao sujeito, não é uma construção mental gerada por pressões sociológicas, nasce de um princípio real e originário: a experiência moral, a experiência do dever, porém não entendido de modo kantiano, como a estrutura formal da razão prática, senão em um sentido profundamente realista, como a experiência que todo sujeito possui – em cada ação ética concreta – de que deve fazer o bem e deve evitar o mal (tradução nossa).

² O Personalismo consiste num movimento filosófico nascido na França do século XX, fundado por Emmanuel Mounier (1905-1950), vinculado à revista “Esprit” que surgiu em 1932. O Personalismo, aliado aos ideais cristãos, afirma o valor intrínseco da pessoa humana, que está vinculado à dimensão comunitária; opondo-se tanto ao Capitalismo como ao Socialismo.

Quanto ao ultimo, Juan Burgos aponta a eleição de Wojtyła para o encargo de Sumo pontífice da Igreja católica e a conseqüente interrupção de sua carreira acadêmica como justificativas para a ausência de grandes produções filosóficas que tratem das relações interpessoais e da filosofia social nos seus escritos. Com isso, Burgos expressa o não alheamento de Wojtyła das questões interpessoais e sociais, respaldado nos artigos de nosso filósofo, como “A pessoa: sujeito e comunidade” (1976).

Mesmo tendo encerrado sua produção estritamente filosófica, após ter assumido o encargo de papa, Wojtyła embasou os seus documentos pontifícios nos seus conceitos antropológicos e éticos de outrora.

Este artigo objeta, outrossim, enfatizar os temas da antropologia, enfatizando o corpo humano e as relações sociais, em Wojtyła.

A dignidade pessoal e o corpo humano

Segundo o pensamento antropológico de Wojtyła (2011, p. 295), em “Pessoa e ação”, o corpo da pessoa humana é o “corpo próprio” do ser humano – de acordo com a fenomenologia; mais que um simples instrumento a serviço da alma, como entendera as filosofias antiga e moderna.

Na antropologia wojtyliana, o corpo é integrado na ação da pessoa pela liberdade de autodeterminação humana, mesmo com a reatividade corpórea e os impulsos, que são ligados ao corpo. Nesse sentido, a pessoa humana participa com a sua ação da construção do mundo e da sociedade ao se comportando com o pudor, como cuidado próprio do corpo, abrindo-se ao cuidado dos outros (alteridade), mediante a orientação presente na *norma personalista*. Segundo Wojtyła (1982, p.38):

Esta norma, no seu conteúdo negativo, afirma que a pessoa é um bem, o qual não está de acordo com a utilização, tendo em vista que não pode ser tratada como objeto de uso, portanto como um meio. Paralelamente aparece o conteúdo positivo da norma personalista: a pessoa é um bem tal que só o amor se relaciona com ela própria e plenamente.

O conceito wojtyliano de *Norma personalista* é formulado na obra *Amor e responsabilidade* (1960). Nessa obra, Wojtyła polemiza contra a ética do Utilitarismo³ ao tratar

³ A ética utilitarista que baseia “[...] na sua formulação definitiva, o princípio da utilidade (*principium-utilitatis*) exige o máximo de prazer e o mínimo de sofrimento para o maior número possível de homens” (WOJTYŁA, 1982, p.34). Nessa lógica utilitarista, cada pessoa humana deve estar como sujeito que instrumentaliza o outro, para obter o máximo de prazer, mas, simultaneamente, também é objeto a ser instrumentalizado pelos outros a fim de lhes

da ética personalista a partir do amor entre homem e mulher, primando pela dignidade e interioridade da pessoa, dada pelo Ser divino.

Na concepção clássica do corpo humano, representada pelo paradigma platônico (cf: PLATÃO, 1981), o corpo é conceituado como “instrumento da alma”, dado que o corpo é perecível e a alma é eterna. Então, a alma deve impor uma ética ao corpo a fim de que o ser humano seja justo e sua alma, pela felicidade alcançada na vivência das virtudes racionais, seja digna de uma feliz recompensa após a morte, quando a alma se liberta do “cárcere” corporal.

O corpo, no pensamento aristotélico (cf: ARISTÓTELES, 2010, p. 96-97), é tudo o que se estende no espaço e pode ser dividido em qualquer direção. Esta noção foi retomada por René Descartes (1999), que afirmara que o corpo é “substância extensa” distinta da alma, a “substância pensante”. Da conceituação da extensão corporal, presente nos pensamentos clássico e moderno, a diferenciação existente é que para Descartes o corpo é uma substância distinta da alma, ao passo que para Platão (1981, p. 109), o corpo está submetido, dependendo da alma.

Na contemporaneidade, a partir das correntes filosóficas: Fenomenologia e Existencialismo, o pensador Gabriel Marcel (1887-1973)⁴ criticou as concepções de corpo como instrumento e objeto, e defendeu a concepção de corpo próprio, a partir da cinestesia que acontece na vivência humana em meio ao mundo mediante o corpo, ainda que seja finito na experiência de morrer (cf: MARCEL, 2005, p.299). Sobre isso, Abbagnano (2007, p.249) comentou que “Marcel criticou a ideia de corpo objeto e de corpo instrumento. O *meu corpo* não pode ser um objeto porque é constantemente percebido como próprio (cinestesia) por parte do sujeito. Será preciso dizer, então, que ‘sou meu corpo’ e que existir equivale a ‘estar encarnado’” (itálico nosso).

Com esta orientação panorâmica, na história da filosofia, acerca da concepção de corpo humano, compreende-se o pensamento antropológico de Karol Wojtyła no que toca à dimensão somática da pessoa humana, como uma síntese das concepções: clássica e moderna (corpo instrumento) e contemporânea (corpo próprio), quando expõe a integração do corpo na ação pessoal.

conferir prazer. Nessa forma ética, o prazer é considerado sinônimo de felicidade, que é subjetiva. Wojtyła critica ferrenhamente o princípio utilitarista, sobremaneira quando aplicado nas relações amorosas entre homem e mulher.
⁴Filósofo francês vinculado ao chamado “Existencialismo cristão”. Marcel fundamentou seu pensamento nas filosofias tomista, hegeliana e fenomenológica. Dentre suas obras se destacam: “Jornal metafísico” (1927), “Ser e ter” (1935) e “Homo viator”(1944).

Integração do corpo na ação

Na obra “Pessoa e ação”, Wojtyła evidencia a integração do corpo na ação da pessoa. A dinâmica do corpo é coordenada pelo princípio de reatividade peculiar ao corpo animado; este princípio da reação corporal é vinculado aos impulsos de autoconservação e de perpetuação da espécie, que no ser humano se liga à afirmação da existência. Conforme o pesquisador do pensamento wojtyliano, Paulo Silva (2005, p.83),

o dinamismo do homem, puramente somático, pode ser considerado reativo. A potencialidade que se encontra, em sua raiz, pode ser denominada reativa [...]. A ideia de reação se aplica a diversos elementos da conduta do homem e a diversas formas de atuar. Esse fato implica que o fator da reatividade do corpo se encontra profundamente na raiz de todo atuar da pessoa humana.

Na antropologia wojtyliana, a ação corporal deve ser orientada para se tornar “*actus personae* - ação da pessoa” (cf: WOJTYŁA, 2011, p.224). Assim, a ação do ser humano é tipicamente pessoal quando obedece à autodeterminação da pessoa dada na vontade consciente, através do querer que administra a ação da pessoa no mundo, orientando a reatividade somática. Deste modo, dá-se a integração do corpo humano na ação pessoal, como afirma Wojtyła (2011, p. 276): “No conceito de autopossessão está incluída a pessoa como alguém que se possui a si mesmo, ao mesmo tempo que é possuído por si [...] a ideia de autodomínio inclui a pessoa tanto como alguém que se governa a si mesmo e se subordina a si mesmo”(tradução nossa).

Wojtyła concebe a ideia de integração do corpo à ação pessoal, mediante a integração da reatividade, que é junção de corpo e ação, na personalidade humana, através da sujeição do corpo ao querer consciente da pessoa humana. Desse modo, para que se vivencie o corpo como próprio, na antropologia wojtyliana, a ação corporal deve ser coerente com as decisões pessoais, manifestando deste modo a transcendência da pessoa.

Norma personalista e pudor

Se há a integração da ação corporal na personalidade humana, mediante a autodeterminação, a pessoa humana está em condições favoráveis de se dar a *norma personalista*, visando ao bem de todas as pessoas, inclusive ao seu.

O corpo integrado na ação pessoal corresponde à exigência da dignidade da pessoa humana, ressaltada na ética do amor de Wojtyła. Neste rumo, o “corpo próprio” ou “corpo

pessoal”, assim como a pessoa toda, é objeto da *norma personalista*. Isto implica a exigência do pudor como zelo peculiar ao corpo pessoal, que revela a pessoa humana na sociedade. Para Wojtyła (1982, p.160),

o valor da pessoa está estritamente vinculado à sua inviolabilidade, por ser ela mais que um “objeto de uso”. O pudor sexual, de certo modo, instintivamente defende esta colocação, portanto defende também o valor da pessoa. Mas não se trata apenas de defender. Trata-se de revelar, por assim dizer, este valor, e precisamente revelá-lo junto com os valores sexuais que estão ligados à pessoa.

O pudor sexual visa à preservação da dignidade pessoal do corpo humano para que a exposição dos membros corporais que despertam o desejo sexual seja restrita à convivência matrimonial, evitando que o corpo da pessoa seja considerado, assim como a pessoa, como meio a ser utilizado, ao invés do que realmente é: fim em si.⁵

Este cuidado para com o corpo, além de visar à própria dignidade pessoal, também impõe a preservação da dignidade das demais pessoas, seja no modo de se trajar, seja nas expressões artísticas. A aplicação da *norma personalista* vinculada ao pudor sexual visa sempre ao bem da alteridade, ao bem comum que segue *pari passu* ao bem pessoal.

Participação e alienação

Na convivência comunitária, embasada no bem comum, o ser humano vivencia a integração das ações corporais na sua personalidade, mediante a autodeterminação, possuindo a si mesmo no processo de “participação” nas relações interpessoais. Nesse horizonte, Wojtyła (2005, p.119) conceitua a “participação” como

atualização do esquema “eu mesmo – o outro” derivando de ser consciente do fato da humanidade em um determinado ser humano diferente de mim, um dos outros, porém sucede por ter experiência do outro “eu” como pessoa. A participação indica a personalização fundamental da relação de um ser humano com outro ser humano (tradução nossa).

A *participação* se dá nas relações interpessoais, acentuando o respeito entre as pessoas e a dignidade presente em cada pessoa humana que exige a prática da *norma personalista*. Nesta visão, *participação* é o oposto de “alienação”. Com efeito, diz Wojtyła (2005, p.125):

⁵O pensamento ético de Wojtyła, está de acordo com o do filósofo Immanuel Kant (1724-1804) formulado na obra “Fundamentação da metafísica dos costumes”, o princípio de não instrumentalização do sujeito, referindo-se à pessoa humana sempre como fim de toda ação humana (cf: KANT, 1992).

A alienação não é, [...] senão o contrário da participação, a debilitação ou inclusive a anulação da possibilidade de experimentar outro ser humano como “outro eu”, é ele a causa de uma certa deformação do esquema “eu– outro” [...] com a palavra alienação se caracteriza uma situação ou condição de um ser humano que não se permite experimentar outro ser humano como “outro eu” (tradução nossa).

O processo de “alienação” acontece em não considerar o outro na sua humanidade e personalidade, o que impede uma autêntica relação interpessoal, impossibilitando a vivência da *norma personalista* e minando os alicerces das vidas familiar e comunitária.

Então, partindo dos princípios metafísicos e éticos da *norma personalista*, sempre visando ao bem da pessoa humana, a “participação” é sempre o processo adequado que oportuniza a vivência das relações interpessoais, constituindo, para Wojtyła, da família à sociedade.

Abertura à alteridade

No artigo intitulado “Pessoa: sujeito e comunidade” (1976), Wojtyła pensa as relações interpessoais e as relações comunitárias, conceituando a primeira por “Eu–tu” e a segunda por “Nós”, como modo de levar em consideração as contribuições dadas à antropologia no realismo escolástico de Severino Boécio (480-524)⁶, que conceitua o homem como “substância individual de natureza racional” no III capítulo da sua obra “*Livro da pessoa e das duas naturezas contra Eutíquio e Nestório*” (cf: BOETHIUS, 2006 , p.4), e as contribuições dadas pela gnosiologia moderna que concebe o ser humano como “sujeito”. Destarte na relação “eu–tu”, para Wojtyła (2005, p.81): “O ‘tu’ é outro ‘eu’ distinto de mim. Pensando e dizendo ‘tu’, eu expresso ao mesmo tempo uma relação que de algum modo se projeta fora de mim, porém que ao mesmo tempo retorna também a mim” (tradução nossa).

Na relação “eu-tu”, ocorre o encontro participativo entre dois sujeitos humanos, dando azo ao reconhecimento da dignidade pessoal presente em ambos. Alicerçada nesta relação, erige-se a relação denominada “nós”, que origina a vitalidade comunitária e a sociedade, como a descreveu Wojtyła (2005, p. 90):

O “nós” indica, sobretudo, uma coletividade; esta coletividade, que podemos chamar sociedade, grupo social, etc., não possui em si um ser substancial, sem

⁶Filósofo medieval que fora cônsul do rei ostrogodo Teodorico. Estudou em Atenas, onde obteve um conhecimento enciclopédico. Sua principal obra, que trata da divina providência, é intitulada “Sobre a consolação pela filosofia”. É considerado o primeiro-pensador-escolástico.

embargo [...] o que deriva da acidentalidade, das relações entre os homens-pessoas, apresenta-se em primeiro plano, fornecendo a base de um juízo, em primeiro lugar, sobre todos, e, em segundo lugar, sobre cada um nesta coletividade (tradução nossa).

Dessa maneira, a vivência da participação em todas as relações interpessoais (eu-tu) é o que fundamenta a participação social, seja no matrimônio, seja na comunidade. De fato, na relação “nós” há uma síntese entre as concepções escolástica e moderna acerca do ser humano, pois o ser humano não é mais visto unilateralmente como “substância individual de natureza racional”, ou apenas como “sujeito”, porém, é contemplado na sua integridade; não somente é conceituado deste modo, mas vivencia a sua personalidade, participando com os outros na construção do mundo. Assim, o seu corpo personalizado é integrado, mediante os gestos pessoais, na comunidade humana, visando a toda pessoa humana sempre como bem em si mesmo, conforme a prática do amor.

Considerações finais

Na ética do amor de Karol Wojtyła, o corpo humano encontra sua dignidade e corresponde ao que realmente é, ou seja, corpo pessoal. E o é à medida que exprime concretamente a ação da pessoa humana perante o outro, seja no matrimônio ou na comunidade. Afinal, para o filósofo polonês, a “lógica” da vocação da pessoa humana é fazer-se dom ao outro, na medida do amor.

Assim a pessoa humana exerce sua liberdade com relação ao seu corpo, não quando sofre a alienação deste, mas, quando participa com ele na construção do bem da alteridade. Nessa participação, a pessoa humana atua perante o outro, ou perante a comunidade, com os gestos corporais que expressam a livre decisão de sua consciência. É, pois, na consciência que reconhece segundo a verdade objetiva, que se pode tomar a decisão por fazer de si um dom ao outro através da vivência do amor, entregando-se pelos gestos corporais coerentes com a consciência pessoal.

Essa solução exige da pessoa a educação para o amor, de acordo com o princípio contido na *norma personalista* de Wojtyła. Esse princípio proporciona a abertura transcendente do ser humano à presença do Ser divino desde a interioridade de toda a pessoa humana, suscitando no ser humano o amor de doação pelo bem do outro, o que pode dar sólido fundamento às famílias e à sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBANGANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5.ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Sobre a alma*: tomo I. v.3..Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

BERNSTEIN, Carl; POLITI, Marco. *Sua santidade: João Paulo II e a História oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

BOETHIUS, Severinus. *Liber De Persona Et Duabus Naturis Contra Eutychem Et Nestorium*. 2006. Disponível em: <https://documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0480-0524__Boethius._Severinus__Liber_De_Persona_Et_Duabus_Naturis_Contra_Eutychem_Et_Nestorium__MLT.pdf.html>. Acesso em: 16 jul. 2020.

BURGOS, Juan Manuel. *La filosofía personalista de Karol Wojtyła*. Notes et documents, Madrid, n.6, p.5364, 2006. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/218603115/La-filosofia-personalista-de-Karol-Wojtyla-JM-Burgos-pdf> >. Acesso em 16 jul. 2020.

DESCARTES, René. *Discurso do método; As paixões da alma; Meditações*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1992.

MARCEL, Gabriel. *Homo Viator: prolegómenos a uma metafísica de la esperanza*. Salamanca: Sígueme, 2005.

PLATÃO. Fédon. In: _____. *Diálogos*. São Paulo: Hemus ed., 1981, p. 99 – 178.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do romantismo até os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1991, v. 3.

SILVA, Paulo Cesar da .*A antropologia personalista de Karol Wojtyła: pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Idéias e letras, 2005.

WOJTYŁA, Karol. *Amor e responsabilidade: estudo ético*. São Paulo: Loyola, 1982.

_____. *El hombre y su destino: ensayos de antropología*. 3. ed. Madrid : Palabra, 2005.

_____. *Mi visión del hombre: hacia una nueva ética*. 7. ed. Madrid: Palabra, 2010.

_____. *Persona y acción*. Madrid: Palabra, 2011.

Artigo recebido em: 23/04/2020

Artigo aprovado em: 16/07/2020